

A influência da língua materna para a aprendizagem de língua estrangeira: ideologias linguísticas sobre o contato de línguas

Débora Medeiros da Rosa Aires

Universidade Federal de Pelotas (UFPEl)
(deboramedeiros3@gmail.com)

Isabella Mozzillo

Universidade Federal de Pelotas (UFPEl)
(isabellamozzillo@gmail.com)

Resumo: Desde uma perspectiva da língua em relação dinâmica com seus contextos de uso, a sala de aula de língua estrangeira configura-se como um ambiente de contato de línguas, no qual a(s) língua(s) materna dos aprendizes exerce influências sobre a aprendizagem, assim como outras línguas sobre as quais tiver conhecimento. A presença de outras línguas pode ser vista como um fator benéfico ou prejudicial para o desenvolvimento da nova língua, conforme as ideologias linguísticas dos participantes envolvidos no processo. Este artigo apresenta um recorte da pesquisa de Mestrado que objetiva verificar as ideologias linguísticas implicadas na relação entre a língua portuguesa como língua materna e a língua espanhola como língua estrangeira, a partir da visão de estudantes do curso de Letras. Foi possível perceber a emergência de ideologias linguísticas variadas, ora valorizando os benefícios do contato entre as línguas, ora recomendando que as línguas devem desenvolver-se de forma separada para evitar a ocorrência de erros.

Palavras-chave: Ideologias Linguísticas, Línguas em Contato, Ensino de língua estrangeira.

The influence of the native language for foreign language learning: linguistic ideologies about the contact of languages

Abstract: From a language perspective in dynamic relation with its contexts of use, the foreign language classroom configures itself as a language contact environment in which the learners' native language influences learning, as well as other languages they are aware of. The presence of other languages can be seen as beneficial or detrimental to the development of the foreign language, according to the linguistic ideologies of the participants involved in the process. This article presents a review of the Master's research that aims to verify the linguistic ideologies implied in the relationship between the Portuguese language as the native language and the Spanish language as a foreign language, based on the students' vision of the Letters course. It was possible to perceive the emergence of varied linguistic ideologies, either by valuing the benefits of contact between languages, or by recommending that languages should develop separately to avoid the occurrence of errors.

Keywords: Linguistic Ideologies, Languages in Contact, Foreign Language Teaching.

1. INTRODUÇÃO

Como objeto de estudo da Linguística, a língua pode ser abordada desde diferentes perspectivas, de acordo com os interesses do observador, que pode valorizar mais ou menos os aspectos contextuais dos usos da língua, sejam eles sociais, culturais ou políticos.

A partir de uma concepção de língua como sistema de relações entre a substância verbal e o contexto comunicativo, o foco pode direcionar-se mais em direção ao falante e ao uso que faz da língua do que em direção a suas propriedades estruturais e aspectos formais. Dessa forma, se faz possível a emergência do conceito de ideologias linguísticas.

Os usos da linguagem, que ocorrem nas diversas formas de interação social, nunca são neutros, por sempre expressarem posicionamentos ideológicos. No funcionamento das línguas influenciam aspectos como poder, autoridade e legitimidade; por serem elementos de ação política, são um objeto dinâmico em constante relação dialógica com o contexto (DEL VALLE, 2007).

Assim, as práticas linguísticas são interpretadas a partir de regimes de normatividade, nos quais estão inscritas as ideologias linguísticas. A geração de discursos que legitimam essas práticas ocorre desde diversas instituições e de dispositivos reguladores, como gramáticas e manuais, avaliando e influenciando as avaliações que os falantes fazem dos usos da linguagem em diferentes espaços sociais.

Partindo-se do entendimento de que os usos da língua são sempre originados, guiados e fundamentados por aspectos ideológicos, esses elementos também fazem parte dos processos de ensino e aprendizagem de línguas, seja materna ou estrangeira. Para Martins (2007), aprender uma língua estrangeira não se limita ao contato e ao conhecimento da língua-alvo, mas há uma série de processos comunicativos envolvidos que abarcam questões políticas e ideológicas, culturais e sociais, visto que esses processos podem transportar o falante para outros lugares, outras situações e relações pessoais. Aprender uma língua, além de ser o desenvolvimento do domínio funcional de um novo código linguístico, é também a construção da capacidade de interpretar e relacionar-se com uma realidade sociocultural diferente, o que ocorrerá sobre uma base de pressupostos culturais que configuram nossa própria identidade social.

Os processos concernentes à aprendizagem de uma língua estrangeira são influenciados por aspectos ideológicos, os quais determinam as atitudes frente à língua-alvo, os propósitos e os objetivos da aprendizagem, a escolha da língua a ser estudada e a forma de fazê-lo. Por isso, as ideologias estão interligadas às ações do professor de língua estrangeira, determinando como encaminha seu trabalho, como elabora seus objetivos e como trabalha para alcançá-los, levando a que faça

escolhas inclusive sobre o maior ou menor uso da língua materna e da língua meta durante o processo.

Em vista disso, este trabalho apresenta parte da pesquisa em andamento desenvolvida no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na área de Estudos da Linguagem, estando vinculado ao grupo de pesquisa do CNPq Línguas em Contato. Objetiva-se verificar as ideologias linguísticas implicadas na relação entre a língua portuguesa como língua materna (LM) e a língua espanhola como língua estrangeira (LE), a partir da visão de estudantes do curso de Letras, ou seja, professores de língua estrangeira em formação.

Para isso, busca-se refletir sobre qual o papel desempenhado pela língua materna no processo de ensino/aprendizagem da língua estrangeira, sobre a recomendação ou não do uso da LM no ambiente da sala de aula de LE e sobre as motivações do benefício ou prejuízo da utilização da LM. A partir disso, observam-se as ideologias linguísticas que embasam as explicações elaboradas pelos participantes da pesquisa.

Este estudo busca contribuir para que se tome consciência das ideologias linguísticas que norteiam, embasam e às quais se submete o fazer docente, a quais interesses se está servindo com as escolhas feitas a partir das demandas profissionais e quais estruturas sociais se está (re)produzindo através delas. Assim como não há usos da linguagem que sejam neutros, não há ensino e aprendizagem neutros, já que o ambiente de ensino e os sujeitos sociais implicados nele estão sempre inseridos em contextos socioculturais, localizados geográfica e historicamente.

A pesquisa e a geração de dados realizam-se a partir de questionário aplicado aos alunos do curso de Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), de diferentes semestres de adiantamento, no qual se solicita que os futuros professores expressem de que forma percebem a relação entre a língua portuguesa e a língua espanhola na aprendizagem desta como língua estrangeira. Os questionários foram entregues aos alunos das turmas das disciplinas de Língua Espanhola I, III, V e VII, que os responderam de forma anônima.

A partir de uma pesquisa qualitativa, busca-se perceber se veem a relação entre as línguas como benéfica ou prejudicial ao processo de ensino/aprendizagem

da língua estrangeira, de que maneira veem a questão do uso da língua materna na aula de língua estrangeira, se o aceitam ou o rejeitam, no todo ou em parte.

Com base no que foi constatado a partir das manifestações dos estudantes de Letras, se faz uma análise dos aspectos ideológicos que tenham emergido de suas respostas, à luz do conceito de ideologias linguísticas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Relações entre língua materna e língua estrangeira nos métodos de ensino de língua estrangeira

Os métodos e os procedimentos de ensino de línguas estrangeiras foram modificando-se ao longo do tempo para adequarem-se às visões e às ideologias quanto à forma como se entende que seja desenvolvida a própria aprendizagem de uma língua, quanto ao que se considera ser competente em uma língua e também quanto a quais habilidades são necessárias e devem ser estimuladas. O papel desempenhado pela língua materna, por exemplo, foi tomado ora como obstáculo, ora como base sobre a qual os novos conhecimentos seriam construídos.

No caso do Método Gramática-Tradução, o foco eram os conhecimentos gramaticais, com o estudo de suas regras e exceções, com a utilização de listas de vocabulário e frases para traduzir. Dessa forma, a língua materna do estudante era utilizada como o meio para o ensino, pois era através dela que se explicavam os elementos novos, o que produzia comparações e análises contrastivas entre a língua meta e a língua materna (RICHARDS; RODGERS, 2001; GARGALLO, 1999).

Já o Método Direto propunha que o ensino da língua oral deveria ser prioritário e deveria ser feito “diretamente” na língua estrangeira, de forma independente da língua materna, prescindindo de seu uso (ABADÍA, 2000). Enquanto no Método Gramática-Tradução a língua materna constituía-se como o sistema de referência para a aprendizagem da língua estrangeira, no método Direto era percebida como um fator de interferência e impedimento da interpretação direta dos conceitos na língua meta, sendo que as dificuldades de aprendizagem eram vistas como produto da tradução e da comparação com a língua materna.

De acordo com os procedimentos do Método Audiolingual, a língua deveria ser ensinada com o foco em uma atenção sistemática à pronúncia, através de exercícios de compreensão auditiva e posterior repetição oral das estruturas básicas das orações (RICHARDS; RODGERS, 2001). As traduções e o uso da língua materna são desaconselhados, pois é a eles que são atribuídos os problemas de aprendizagem, que ocorreriam devido a conflitos entre os sistemas da língua materna e da língua estrangeira. Esse método baseia-se na teoria behaviorista de aprendizagem, segundo a qual aprender uma língua significa formar hábitos linguísticos por meio do processo mecânico de repetição.

A Abordagem Comunicativa de ensino de línguas põe em evidência o caráter funcional da língua como instrumento de comunicação. Com base nesse princípio, a aprendizagem é vista como um processo em que o estudante tem papel ativo no processo, que se caracteriza por reestruturações contínuas para a construção da interlíngua e por um conjunto de estratégias nas quais figura a possibilidade de transferência de conhecimentos da língua materna e de outras línguas que se conheça. Por esse motivo, se aceita o uso moderado da língua materna e de outras línguas como um benefício para aluno, que poderá aproveitar esse recurso que lhe está disponível.

2.2 Ideologia linguística

Com base na visão do uso da linguagem contextualizado nas práticas sociais, considera-se a língua como um fato social, dentro de processos de construção cultural, nos quais há a manifestação de elementos de natureza ideológica. Questões como poder, autoridade e legitimidade são centrais para a análise do funcionamento da língua que, como elemento de ação política, deve ser definido como um fenômeno ideológico discursivo, ou seja, um objeto dinâmico em constante relação dialógica com o contexto (DEL VALLE, 2007).

Os usos que se fazem da linguagem não são neutros, ou seja, nas práticas sociais, intermediadas pela linguagem, são estabelecidas conexões entre os significados, os contextos, os jogos de poder, as ideologias, de forma mais ou menos consciente, mais ou menos explícita. Como ressalta Ledesma (1999), “no es posible analizar las diversas prácticas sociales de los sujetos (sean o no discursivas), sin establecer conexiones significativas entre el uso lingüístico, el

cambio histórico y la conciencia social” (p. 52). Moita Lopes, baseando-se em Kroskrity (2004)¹, lembra que “o significado é intrinsecamente ideológico” (2013, p. 22).

Ledesma (1999) coloca três características para o entendimento do significado de ideologia: a primeira diz respeito a uma visão parcial da realidade, já que se refere a uma maneira particular de apropriar-se dela; a segunda se relaciona ao fato de que essa apropriação sempre se dá dentro de relações de poder e hegemonia; a terceira corresponde à ideologia como uma representação parcial da realidade que é útil e funcional para determinar ações.

Portanto, assim como a ideologia remete a sistemas de crenças, ideias e representações subjetivas, também remete ao âmbito das práticas, como constituinte da construção social dos significados através das atividades humanas (ARNOUX; DEL VALLE, 2010).

De acordo com a definição de del Valle (2007), as ideologias linguísticas são sistemas de ideias que articulam noções de linguagem, línguas, fala e comunicação com formações culturais, políticas e sociais específicas. Ainda que pertençam ao âmbito das ideias e possam ser concebidas como uma ligação coerente entre a linguagem com uma ordem extralinguística, para naturalizá-la e normalizá-la, também se produzem e reproduzem no âmbito material das práticas linguísticas e metalinguísticas, apresentando um alto grau de institucionalização.

As ideologias linguísticas são elementos fundamentais para a identificação e análise dos regimes de normatividade a partir dos quais se interpretam as práticas linguísticas. Pelo fato de as ideologias estarem inscritas nesses regimes, seus dispositivos atuam desde instituições, gerando discursos que legitimam as práticas. A legitimação pode ser percebida nas próprias práticas discursivas, na avaliação que os falantes fazem das formas em diferentes espaços sociais, e nos textos reguladores, como gramáticas e manuais.

A autora Kathryn Woolard utiliza o termo ideologias linguísticas ou ideologias da linguagem para referir-se às representações da interseção entre a linguagem e a dimensão social da atividade humana e à carga de interesses morais e políticos inscritos nessas representações. Assim, as ideologias linguísticas não representam

¹ KROSKRITY, Paul V. Language Ideologies. In: DURANTI, A. (org.) **A Companion to Linguistic Anthropology**. Oxford: Blackwell, 2004.

somente a linguagem, mas também exibem os elos que a unem com as noções de identidade e comunidade, nação e estado, moralidade e epistemologia. Estão, portanto, profundamente imbricadas nas estruturas sociais e nos exercícios de poder, o que as constitui como um instrumento a serviço não só da interação verbal como também da ação política e da imposição, fortalecimento e disputa das hierarquias sociais (WOOLARD, 2007). Nesse sentido, a ideologia se entrelaça com o poder social e político porque organiza os processos de significação que constituem os seres humanos como sujeitos sociais e produzem sua relação com a sociedade.

Na definição de del Valle e Meirinho-Guede (2016), o conceito de ideologia linguística é uma categoria teórica baseada na visão de linguagem como prática social, em que se unem a dimensão formal (materialidade linguística ou gramática) e o contexto (situacional, social e, inclusive, geopolítico) no qual tem lugar a interação, ao se reconhecer que o uso da linguagem interfere no próprio contexto e é um modo de negociação de relações de poder. Por isso

Se trata de una categoría que nos invita a pensar el lenguaje en relación con el contexto, pero no solo como producto derivado de este (como objeto cuya forma refleja las condiciones sociales), sino también como práctica que lo constituye (como intervención efectiva en ese contexto). Las ideologías lingüísticas responden a los intereses de grupos sociales concretos y tienen un efecto naturalizador —como si de verdades inapelables se tratara— de las imágenes que producen del lenguaje. Estamos ante un concepto teórico que pretende organizar el estudio de la relación entre lenguaje y poder. (DEL VALLE; MEIRINHO-GUEDE, 2016, p. 622)

Moita Lopes (2013) destaca que uma língua é um projeto discursivo, orientado por ideologias, e não um fato definitivamente estabelecido, o que desnaturalizaria a visão, por exemplo, de que uma língua propriamente dita deve ter limites claros e ser puramente constituída por componentes como estrutura sonora, gramática e vocabulário. O autor coloca que o simples ato de pronunciar palavras no mundo é realizado a partir de uma posição particular, e que, com isso, geramos efeitos de sentido específicos e nos posicionamos social e ideologicamente.

As ideologias linguísticas, para Moita Lopes (2013), são as crenças ou sentimentos sobre as línguas e seus usos nos mundos sociais, são múltiplas e derivam de perspectivas políticas, culturais e econômicas específicas, são

compreensões de como a linguagem ou línguas específicas têm sido ou são entendidas com base em como são situadas em certas práticas sócio-históricas, inclusive aquelas visões elaboradas por pesquisadores e teóricos da linguagem, derivadas do espírito intelectual ou da perspectiva epistemológica de seu tempo. (MOITA LOPES, 2013, p. 22)

Ao se pensar nos diversos aspectos da perspectiva ideológica da linguagem, percebe-se que construtos como língua, norma, falante, identidade linguística, comunidade de fala, competência, monolinguismo e bilinguismo etc. têm sido problematizados por se orientar por essencialismos e homogeneizações linguísticas, em um mundo caracterizado atualmente pela globalização, em que a hibridização, a mestiçagem, a superdiversidade e a mistura linguístico-identitária são cada vez mais evidenciadas, o que torna necessária uma linguística que volte o seu trabalho para as práticas, os contatos e os usos das línguas gerados nessas circunstâncias (MOITA LOPES, 2013, p. 29).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário aplicado aos alunos do curso de Letras – Português e Espanhol da UFPel foi construído com as seguintes perguntas:

1. Percebes a presença da tua(s) língua(s) materna(s) na aprendizagem do espanhol? Se sim, de que forma? Exemplifica.
2. A origem comum entre o português e o espanhol tem alguma influência na aprendizagem do espanhol como língua estrangeira? Explica e exemplifica.
3. Quais seriam os possíveis objetivos do uso da língua materna em sala de aula de língua espanhola? Cita exemplos (no mínimo três).
4. E quais as consequências desse uso? Exemplifica.
5. Há momentos, situações ou atividades em que o uso do português poderia ser mais recomendável na aula de espanhol? Por quê? Exemplifica.
6. E haveria situações em que a utilização da língua materna seria menos recomendável? Justifica tua resposta, exemplificando.

7. Considerando as experiências que tenhas tido já como professor(a) de espanhol, sentiste a necessidade de utilizar a português nas tuas aulas? Explica e exemplifica.

No recorte da pesquisa aqui apresentado, se fará uma breve retomada da análise realizada a partir dos dados gerados nas respostas dos participantes à primeira pergunta e, em seguida, serão expostas de forma mais detalhada as considerações acerca das respostas à segunda questão.

Os alunos que responderam ao questionário, em um total de 26, dividem-se da seguinte forma: 8 do 1º semestre, 3 do 3º semestre, 9 do 5º semestre e 6 do 7º semestre, com idades entre 18 e 64 anos. Estes dados foram obtidos através de algumas informações pessoais inicialmente solicitadas aos participantes.

Todos os alunos participantes da pesquisa são brasileiros. A respeito da(s) língua(s) materna(s), 24 respostas são de falantes de português. Nas outras duas respostas, foi mencionada alguma outra língua, juntamente com o português: em um caso, foi citado o dialeto pomerano (sic) (participante 3.3) e, no outro, foi citado o alemão (participante 5.4).

Esses dados iniciais comentados foram solicitados aos participantes como uma forma de buscar e analisar elementos que pudessem, de alguma maneira, influenciar as respostas às questões. No entanto, de forma geral, esses fatores parecem não intervir no modo como a relação entre a língua materna e a língua estrangeira é percebida na aprendizagem. Mesmo com idades variadas, de quatro adiantamentos diferentes no curso e até tendo alguma outra língua materna além do português, as respostas apresentaram uma conformidade e equivalência.

Os participantes foram identificados por dois números, que correspondem, respectivamente, ao semestre que está cursando e ao seu número pessoal dentro da turma. Por exemplo, o participante 1.5 é do primeiro semestre e o quinto dessa turma; o participante 7.4 é do sétimo semestre e o quarto dessa turma.

A primeira pergunta do questionário obteve respostas afirmativas da totalidade dos participantes, ou seja, todos percebem a presença do português na aprendizagem do espanhol. De forma geral, a referência à língua materna é positiva por facilitar, melhorar e agilizar a compreensão da língua estrangeira; a conexão entre as línguas funcionaria como um suporte para o entendimento e a aprendizagem, que se tornariam mais acessíveis.

No entanto, também houve respostas que apontaram para uma “influência negativa” ou “interferência” da língua materna, cada vez que recorrer ao português não resultou em um acerto em espanhol. Mencionou-se, inclusive, que a influência do português atrapalha no aprendizado de outra língua, podendo representar um obstáculo a ser superado para se alcançar a LE.

Percebe-se a manifestação da ideologia, por um lado, da facilidade do espanhol pela semelhança com o português, o que gera um elevado grau de compreensão da língua estrangeira permitido pelos conhecimentos prévios da língua materna; por outro lado, emerge das respostas dos participantes a ideologia da pureza das línguas, quando se afirma que o contato dificulta a aprendizagem, pois se parte da ideia de que a competência verdadeira no espanhol será alcançada quando se desvincular do conhecimento do português.

Relacionada à ideologia da pureza linguística, pode-se mencionar a ideologia do duplo falante monolíngue, a partir da qual

O domínio de mais de uma língua só é tolerado se acontece respeitando a norma monolíngue em cada uma delas. Todo contato, mistura, hibridação, influência de uma sobre a outra é considerado nocivo à pureza de cada um dos sistemas em questão. (MOZZILLO, 2008, p. 2)

Por esta perspectiva, para que seja válido o conhecimento de uma língua estrangeira, este deve ser equivalente ao nível de conhecimento da língua materna, da mesma forma que ambos não devem “misturar-se”, desconsiderando os contatos, as aproximações, as alternâncias e as estratégias de aprendizagem. Grosjean (2008, p. 165), afirma justamente que “as habilidades linguísticas dos bilíngues têm sido, quase sempre, avaliadas em termos dos padrões monolíngues”, ainda que as línguas estejam em contato na mesma pessoa, de forma interdependente.

Ao ser analisada a segunda questão, percebe-se que todos os participantes também responderam afirmativamente quanto à influência na aprendizagem de espanhol como língua estrangeira o fato de ter sua origem em comum com o português.

Tem pelo simples fato de algumas palavras serem muito parecidas.
(1.5)²

² As respostas dos participantes estão transcritas tal qual foram recebidas.

Sim, se torna mais fácil para quem está aprendendo uma língua nova ver traços da sua língua materna nela. (1.8)

Sim, acreditamos que por serem línguas romanas, originadas do latim, por serem tão próximas, será mais fácil de ser aprendida. (5.9)

Sim. O espanhol por ter a mesma origem do português e por ser muito semelhante, eu acho mais fácil de aprender. (7.4)

Esses exemplos demonstram reforçar a ideologia da facilidade de se aprender o espanhol devido a sua proximidade com o português, sendo inclusive um fator de motivação, como visto na resposta 1.8. No caso do participante 5.9, o uso na resposta do verbo *acreditamos* evidencia que esta é uma ideia não só dele mesmo, mas do próprio senso comum. Como mencionado a partir dos autores que fundamentam os conceitos de ideologia linguística, uma de suas características é justamente o efeito naturalizador das experiências, que também determina os padrões que motivarão as percepções.

Também houve respostas que citaram fatores negativos da relação entre as línguas, assim como na primeira pergunta. Alguns alunos mantiveram o destaque para os fatores negativos, como no exemplo seguinte:

Eu acredito que a influência seja muito grande. Ao meu ver, vejo como algo positivo no âmbito de ter várias palavras semelhantes, que ajuda no princípio do aprendizado. Mas depois eu já vejo como algo mais negativo. Utilizo como exemplo o mesmo da questão anterior. Eu acho muito mais fácil aprender inglês, tendo como L1 o português. Pode até ter uma dificuldade no início, pra aprender palavras e pronúncias, mas depois a influência do português nas estruturas não é tão grande. (5.3)

Em outros casos, alguns participantes que haviam manifestado na primeira questão perceber a presença da língua materna, expressam entender que a influência pode atrapalhar, gerar equívocos e enganos, representando um desafio a ser superado:

Tem. Para quem tem o português como LM, o espanhol aparenta ser fácil, mas ao aprender espanhol como LE tendemos a trazer muitas referências do Português, o que de certo modo atrapalha, pois as duas línguas possuem muitas diferenças. Por exemplo, tendemos a falar em espanhol "yo gusto de", influência do português, sendo que a forma correta no Espanhol é "a mi me gusta". (3.1)

Tem muita influência. Tanta que acaba confundindo e até atrapalhando. Algumas palavras com mesma escrita mas significados diferentes: azar - casualidade; brincar - saltar; cena -

jantar; contestar - responder. Ou com a grafia diferente mas o mesmo significado: Alborada - alvorada; libro - livro; coraje - coragem. (5.4)

Acredito que sim, mas são ledos enganos, por ser tão próximos podem parecer um desafio e tanto. Um exemplo pode ser o significado de algumas palavras que podem ter a escrita em Português mas no Espanhol tem outro significado. (5.5)

Sim. Essa origem comum existente entre as línguas pode me levar a desenvolver a língua de forma equivocada. (7.1)

Tem influência sim, porque são idiomas quase iguais apesar de algumas palavras que enganam aos brasileiros como a palavra "taller" que poderíamos dizer que seja talher e "oficina" que poderíamos considerar onde arruma-se carros e na verdade no espanhol é escritório e o "taller" é onde se arruma os carros. (7.2)

A ideologia que se percebe nos exemplos anteriores é a de que os erros e as dificuldades de aprendizagem seriam todos advindos das interferências da língua materna, o que é também uma marca da perspectiva behaviorista, pois entende que a aprendizagem poderá acontecer apenas pelos estímulos externos, sem o aporte daquilo que os aprendizes trazem consigo de conhecimentos anteriores.

Os procedimentos de ensino baseados no behaviorismo partem do princípio que, no caso da aprendizagem de uma LE, os problemas ocorreriam devido a conflitos entre os sistemas estruturais, gramaticais e fonológicos, entre a língua materna e língua estrangeira. Segundo essa interpretação,

aprender una lengua es formar hábitos lingüísticos a través de la repetición (proceso mecánico). Para Skinner, representante del conductismo (o behaviorismo) la conducta lingüística se explica a través del modelo "estímulo → respuesta → refuerzo". (ABADÍA, 2000, p. 72)

Desse modo, julga-se o falante como uma tabula rasa, ou seja, alguém que adquire passivamente a língua apenas por imitação de seu ambiente, já que não possuiria nenhum conhecimento prévio relevante, inclusive sua LM, ou então que esta seria a fonte de seus erros ou maus hábitos, que deveriam ser erradicados e substituídos por novos hábitos corretos na LE (MELLO, 2005).

Nesse sentido, o exemplo a seguir explicita que também se desconsidera o processo de aprendizagem da língua estrangeira pelo desenvolvimento da interlíngua, manifestando que se compreende que esta seria uma etapa passageira,

que deve ser superada para que se atinja o ideal utópico de um falante nativo ou monolíngue:

Eu acredito que tenha, pois com bases nessas semelhanças, o aluno vai aprendendo o espanhol e distanciando-se do tão temido "portunhol". [...] (5.1)

O uso da expressão *tão temido "portunhol"* enfatiza o uso pejorativo que se faz desse nome para se referir à mistura de línguas. É necessário que se reconheça que, ao se aprender uma LE, o que está em desenvolvimento é uma interlíngua (IL), a qual, ao mesmo tempo, é o processo em que o aprendiz vai elaborando e se apropriando do sistema da nova língua, assim como é o produto, pois o falante de uma LE será sempre falante de uma IL, podendo esta aprimorar-se e chegar a níveis muito próximos de um falante nativo. Entende-se, então, que o estudante de uma língua estrangeira,

Embora não se comunique no padrão monolíngue da LE alvo, o faz através da IL, (Selinker, 1974), língua de transição entre a LM e o máximo nível possível de aproximação a essa LE. Tal sistema constitui-se em um processo eminentemente interativo em cujo seio as línguas em questão mantêm relações de imbricação e de interdependência que contribuem para construir novas competências. (MOZZILLO, 2006, p. 2)

O entendimento e as ideologias sobre o que é saber uma língua podem ser percebidos nos dados:

Sim, é mais fácil de falar do que outras línguas estrangeiras. (1.2)

Sim, por terem a mesma origem são muito semelhantes no vocabulário e também na gramática. Quando não te lembras de uma palavra em espanhol, o português ajuda, só lembrar da palavra em português e fazer algumas mudanças fonéticas. Porém, não serve para todo o vocabulário da língua espanhola. (5.2)

Sim, completamente. Volto a afirmar o que disse na primeira pergunta: aprendo mais sobre o português à medida que vou aprendendo sobre o espanhol. Por exemplo, ao aprender sobre a posição dos clíticos em espanhol (próclisis y éncclisis), faço uma comparação à posição dos clíticos em português e me ajuda a fixar a terminologia e outros aspectos da posição dos clíticos no meu idioma materno. (5.6)

No primeiro exemplo, a ideologia é a de que saber a língua é saber falar essa língua; no segundo exemplo, manifesta-se a ideologia de que saber uma língua é saber as palavras e a gramática da língua, assim como no terceiro exemplo, onde o

entendimento é de que saber a língua é conhecer o seu sistema de regras, que rege o uso da língua prestigiada.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que muitos métodos de ensino de línguas estrangeiras considerem que amparar-se na LM é um obstáculo para que se chegue a ser competente em uma LE, não é possível esquivar-se da existência anterior de uma língua na mente do falante. Mello (2005, p. 176), cita Stern (1992)³, o qual elucida que “gostando ou não, a nova língua é aprendida com base em uma língua anterior”.

A partir das definições dos autores sobre o conceito de ideologias linguísticas e da análise realizada com base nas respostas ao questionário de pesquisa, confirma-se o fato de que os usos das línguas e as perspectivas e crenças que se tem sobre isso são fenômenos ideológicos, que são constituídos e, por sua vez, também constituem os contextos socioculturais nos quais ocorrem. As ideologias manifestadas pelos participantes sobre o contato de línguas influenciam diretamente na sua própria aprendizagem; além disso, suas ideologias também determinarão suas atitudes quando estiverem exercendo a função de professores de línguas.

As representações subjetivas sobre a linguagem são, portanto, refletidas nas práticas, como elementos importantes na construção dos significados sociais. Com isso, verifica-se como não há neutralidade nos usos da linguagem, já que as afirmações feitas pelos participantes refletem, por vezes mais ou menos explicitamente, conexões entre elementos ideológicos, as concepções que manifestam e as ações que tomam a partir disso.

REFERÊNCIAS

ABADÍA, Pilar M. **Métodos y enfoques en la enseñanza/aprendizaje del español como lengua extranjera**. Madrid: Edelsa, 2000.

³ STERN, Hans H. **Issues and options in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

- ARNOUX, Elvira Narvaja de; DEL VALLE, José. **Las representaciones ideológicas del lenguaje** - Discurso glotopolítico y panhispanismo. *Spanish in Context* 7:1, p. 1-24, 2010.
- DEL VALLE, José. **Glotopolítica, ideología y discurso: categorías para el estudio del estatus simbólico del español**. In: DEL VALLE, José (ed.). *La lengua, ¿patria común? Ideas e ideologías del español*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2007, p. 13-29.
- DEL VALLE, José; MEIRINHO-GUEDE, Vitor. **Ideologías Lingüísticas**. In: GUTIÉRREZ-REXACH, Javier (ed.). *Enciclopedia de Lingüística Hispánica*, v. 2, p. 622-631, London & New York: Routledge, 2016.
- GARGALLO, Isabel S. **Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera**. Madrid: Arco Libros, 1999.
- GROSJEAN, François. **Bilinguismo individual**. *Revista UFG*, ano X, n. 5, p. 163-176, dez. 2008.
- LEDESMA, Patricia Mena. **Actitudes lingüísticas e ideologías educativas**. *Alteridades*, Distrito Federal, México, v. 9, n. 17, p.51-70, 1999.
- MARTINS, Pâmela Selso. **Das relações de poder e ideologia no ensino de uma L2**. *Linguagens & Cidadania*, v. 9, n. 1, 2007.
- MELLO, Heloísa A. B. **Examinando a relação L1-L2 na pedagogia de ensino de ESL**. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 5, n. 1, p. 161-184, 2005.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **O Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolingüístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- MOZZILLO, Isabella. **Línguas em contato na sala de aula de língua estrangeira**. In: MATZENAUER, C. *et al* (orgs.) *Anais do VII Celsul*. Pelotas: Educat, 2006.
- MOZZILLO, Isabella. **O mito da pureza lingüística confrontado pelo conceito de code-switching**. In: VIII CELSUL 2008, *Anais...* 2008.
- RICHARDS, Jack C., RODGERS, Theodore. S. **Enfoques y métodos en la enseñanza de idiomas**. Madrid: Cambridge University Press, 2001.
- WOOLARD, Kathryn A. **La autoridad lingüística del español y las ideologías de la autenticidad y el anonimato**. In: DEL VALLE, José (ed.). *La lengua, ¿patria común? Ideas e ideologías del español*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2007, p. 129-142.